

Economista sugere plano orçamentário

Dividir o orçamento em despesas flexíveis, passíveis de cortes, e obrigatórias, como as previdenciárias, como fez o governo Clinton, nos Estados Unidos, é a sugestão de Rubens Penha Cysne, diretor da FGV, ao governo Dilma. **PT**

Brasil precisa de um plano orçamentário

Assim como os EUA, país deveria planejar melhor os gastos

Priscila Dadona

pdadona@brasileconomico.com.br

O mercado aguarda para os próximos dias um corte no orçamento para manter as contas públicas sob controle e evitar novos aumentos nos juros. O diretor da FGV, Rubens Penha Cysne, sugere um plano orçamentário como fizeram os Estados Unidos nos anos 1980.

Como era o plano dos EUA?

Em 1985, os EUA tinham cenário parecido com o Brasil: câmbio flexível, déficit em contas públicas e economia aquecida. Aí fizeram o Gramm Rudman e dividiram o orçamento em despesas possíveis de serem cortadas e aquelas inalteráveis, como a previdência. Toda a vez que precisavam mexer, aumentavam a receita ou reduziam a despesa das contas flexíveis. Com isso, garantiram prosperidade nos dois mandatos de Bill Clinton.

É possível fazer isso no Brasil?

É preciso mudar a instituição orçamentária para que possa refletir uma peça de administração macroeconômica.

Esse déficit nas contas é ruim?

Traz mal-estar à população. O excesso de investimento e consumo sobre a renda ocorre como em qualquer pessoa que gasta mais que ganha.

Qual a solução para o câmbio?

Estamos no processo que preci-

samos controlar a inflação. Mas aumentar juros não é o único instrumento. Deveríamos debater a meta de inflação. Este ponto é crucial porque o copom é variável técnica e a meta, política. Como em outros países, o Banco Central não deveria participar da fixação da meta. Ele a receberia e, sendo realmente independente, questionaria a sua consistência fiscal. ■



Leia versão completa em
www.brasileconomico.com.br



André Maurício/D. Bru

“Déficit nas contas correntes traz mal-estar à população”